



Construção de narrativas

Inventar histórias sem saber ler nem escrever

Episódio 3

Um dos grandes desafios que tivemos de enfrentar foi pensar como poderíamos incluir os alunos do 1º e 2º ano que ainda estão a aprender a escrever. Como toda a gente sabe (e os professores melhor do que ninguém), quando os alunos começam a escrever não dispõem na escrita dos recursos que já dominam na oralidade.

Numa fase precoce, na fase pré-escolar, as crianças manifestam interesse pelo desenho e os adultos não precisam de incitá-los para tal. A pouco e pouco, o desenho fica para trás e o seu lugar começa a ser ocupado pela arte da expressão literária. Mas esta transição não é fácil, na maioria dos casos. Nem sempre a necessidade de escrever é tão imperiosa como a de desenhar. Além disso, a expressão escrita das ideias e dos sentimentos das crianças em idade escolar fica muito aquém da sua capacidade de expressão oral. A linguagem escrita é normalmente mais infantil do que a linguagem falada.¹

Talvez isto aconteça porque a criança enquanto escreve, tem de preocupar-se simultaneamente com o cumprimento de uma série de regras de ortografia, sintaxe, etc.

Muitas vezes a frustração toma conta dos alunos porque, mesmo que tenham uma ideia muito boa, não conseguem passá-la para o papel. Para ultrapassar esta situação, sugiro que a criação seja feita oralmente e sempre que possível em conjunto. O professor fica depois responsável pela fixação da história por escrito.

Estendal de histórias

Na tentativa de facilitar a passagem do desenho e da linguagem oral para a linguagem escrita, o primeiro exercício que sugiro no vídeo usa precisamente as duas primeiras formas de expressão. O desenho/ilustração é o ponto de partida e a linguagem oral é a ferramenta usada para construir uma narrativa. Chamei-lhe “estendal de histórias” e usei-o várias vezes, até com crianças do pré-escolar.

O primeiro passo deste processo é a recolha de um conjunto de boas imagens, muito diversificadas.

¹ VYGOTSKY, Lev, *A imaginação e a arte na infância*, Relógio d'Água, 2009.



Como sempre, sugiro que utilizem livros como fonte de pesquisa. Para melhores resultados nesta fase é fundamental ter dedicado um tempo à leitura de imagens, tal como sugerido no ginásio. Igualmente importante é ter livros com boas ilustrações, que saiam um pouco da lógica mimética e infantilizada dos manuais escolares. Felizmente, o panorama do livro infantil em Portugal evoluiu muito nos últimos dez anos e há livros excelentes no mercado. Vamos criar assim uma manta, uma espécie de *patchwork* de imagens como a que utilizo no vídeo.

Estas imagens podem sair dos livros (fotocopiadas ou reproduzidas em desenhos) para ser penduradas numa corda e dar origem ao “estendal de histórias”. Este dispositivo recorre à associação livre de ideias e pode ser usado até com crianças do pré-escolar.

A colocação das imagens no estendal pode ser aleatória, deixando o acaso fazer o seu papel, ou pode ser determinada pelos alunos. Podem trabalhar em pequenos grupos, com vários estendais. Há imensas variações possíveis, uma que me parece particularmente interessante é a ideia de dois grupos trabalharem a partir do mesmo alinhamento de imagens e no final comparar os resultados.

Apesar de sugerir este exercício para crianças de 6-7 anos, ele pode ser usado por todas as idades (inclusive adultos). Se utilizado com crianças mais velhas podem optar logo pela construção de uma narrativa por escrito.

Histórias com nome

O nome próprio é normalmente a primeira palavra que as crianças aprendem a escrever, ainda na fase pré-escolar. É a palavra que melhor conhecem. Sugiro a criação de histórias com nome, partindo das letras que compõem o nome e das imagens que estas sugerem. Se já tiverem construído o abecedário de imagens que sugiro no ginásio, será muito fácil levar a cabo esta tarefa. Há, em quase todas as turmas, nomes que se repetem. Pode ser curioso verificar os diferentes resultados para o mesmo nome.

Narrativas simples

As narrativas de estrutura muito simples, em que há elementos que se repetem, ou que se vão acumulando, despertam facilmente o interesse das crianças e produzem um número considerável de gargalhadas. As crianças gostam de decorar a lengalenga que se vai produzindo. Se a estrutura funciona e é simples, porque não aproveitá-la para construir narrativas semelhantes? Não se trata de uma cópia, mas de um decalque. Mais uma vez, é essencial que os alunos conheçam uma boa quantidade de histórias deste tipo. Deixo, no final, uma lista com sugestões.*



Histórias com sons

Aos livros já roubámos imagens, mas como são uma fonte inesgotável, podemos roubar-lhes sons. Os livros de banda desenhada, são uma ótima fonte de pesquisa de onomatopeias. Não sugiro nenhum em especial, porque se trata de um universo literário que não domino.

Depois de termos uma paleta de sons, podemos escolher 3 ou 4 e tentar encaixá-los numa narrativa. Em alternativa, podem usar sons gravados. As crianças nas suas brincadeiras de *faz de conta*, produzem uma quantidade enorme de sons. Se os gravarem podem utilizá-los mais tarde em vários exercícios.

E porque não usar as onomatopeias só como apoio à ilustração, como no livro que mostro no vídeo? Uma boa história não tem de ter muitas palavras. Pode até não ter nenhuma.

Histórias sem palavras

Uma boa história não tem de ter palavras! O texto não é mais importante do que a ilustração. Esta foi uma das nossa principais preocupações ao definir os conteúdos de cada área. Foi muito claro para nós, desde o início, que nenhuma área (ilustração, construção do livro, narrativa) deve ser um ponto de partida privilegiado. Se se facultar aos alunos o contacto com vários livros sem palavras, eles vão perceber melhor como se pode prescindir da palavra para contar uma história. Deixo uma lista com sugestões **. Até podem ter construído uma narrativa por escrito e no final ter a coragem de decidir que as palavras devem desaparecer.



O importante neste exercício é exatamente o contrário: fazer com que o cérebro deixe de intervir e que seja a mão a comandar a escrita. O resultado é uma espécie de “escrita ilegível”, que lembra um pouco os trabalhos plásticos da artista portuguesa Ana Haterly. Como o resultado final se aproxima de um desenho feito com letras, ilustração e texto funcionam como um objeto único.

Além dos exercícios apresentados atrás, podem fazer muitos outros, o importante é que não deixem de treinar. Também neste capítulo, há bons materiais disponíveis no mercado. Destaco um livro da Edicare Editora, intitulado *Escreve o teu livro*. É um livro com vários exercícios de escrita e sugere um trabalho de continuidade.



Bibliografia

*Narrativas por acumulação/repetição

VOLTZ, Christian, *Eu não fui!*, Kalandraka, 2004.

MAJUTO, Eva e Mora, Sérgio, *Mosca Fosca*, Kalandraka, 2004.

NÚÑEZ, Marisa e VILLÁN, Óscar, *A Zebra Camila*, Kalandraka, 2002

PATACRÚA & JAVIER SOLCHAGA, *A Princesa de Aljustrel*, OQO Editora, 2010.

COELHO, Adolfo, “A formiga e a neve”, “O Coelho e o Gato”, “O Rabo do Gato”, “O Macaco do Rabo Cortado”, in *Contos populares Portugueses*, Leya, 2009.

**Histórias sem palavras

MARI, Iela, *o balaõzinho vermelho*, Kalandraka, 2006.

MARI, Iela, *Estações*, Kalandraka, 2009.

LEE, Suzy, *Onda*, GATAfunho, 2009.

LEE, Suzy, *Espelho*, GATAfunho, 2009.

BRUEL, Christian e BOZELLE, Anne, *Un jour de lessive*, Éditions Être, Paris, 2008.